

## **Rui Facó: o jornalista revolucionário e escritor de combate**

EMMANUEL TEIXEIRA CARNEIRO\*

O presente escrito trata da trajetória política e intelectual de Rui Facó (1913-1963). Procuramos apresentar alguns dados biográficos do pensador para situar seu percurso e ajudar a esclarecer algumas de suas posições, assim como compreender a formação de seu pensamento e o sentido de sua escrita. Da mesma forma, buscam-se assinalar as condições e os acontecimentos que tornaram possível sua conversão em jornalista revolucionário e escritor de combate.

Nesse sentido, acreditamos ser necessário analisar o intelectual comunista na sua atividade de jornalista e escritor, observando que sua atenção esteve voltada para a luta política e cultural na perspectiva da chamada *revolução brasileira*<sup>1</sup>. Percebe-se que seu principal instrumento nessa luta foi a palavra escrita como meio de intervenção social e disputa pela “hegemonia do proletariado”, transformando-o em um intelectual orgânico<sup>2</sup> que dava importância “ao papel cultural, ao intelectual e em especial ao intelectual de pena neste processo histórico de afirmação da nação”(VINHAS, 1963: 147).

### **Anos de formação**

Rui de Queiroz Facó nasceu em 4 de outubro de 1913, na cidade de Beberibe<sup>3</sup>, estado do Ceará. Filho de Gustavo de Queiroz Facó e de Antonieta Ferreira Facó, a sua infância e parte da adolescência transcorreu no ambiente rural de sua terra natal. Cresceu no seio de uma família de pequenos produtores rurais.<sup>4</sup> Diante do ruralismo e tradicionalismo encontrado no tempo e espaço, a família Facó destacava-se por prezar pelas letras e pela política. O “[...] filho de uma família ao mesmo tempo simples e ilustre [...]”(apud SANTOS:

---

\* Mestrando em História pela Universidade Estadual do Ceará – UECE. Bolsista da Capes.

<sup>1</sup> Baseado na *resolução política* do V Congresso do PCB (1960), entende-se por revolução brasileira um conjunto de mudanças capazes de criar as condições para o socialismo. Partindo-se da avaliação de que não haviam condições para transformações socialistas imediatas, concluiu-se que a etapa da revolução naquele momento seria anti-imperialista e antifeudal, nacional e democrática.

<sup>2</sup> Para Gramsci (1985), os grupos sociais (classes) produzem seus próprios *intelectuais orgânicos*.

<sup>3</sup> Cidade localizada a cerca de 79 quilômetros da capital Fortaleza.

<sup>4</sup> Além da atividade de pequeno produtor rural, o pai do pensador cearense exerceu a função de escrivão do cartório local.



52); é assim que Aníbal Bonavides, conterrâneo e camarada de partido, caracterizou a família Facó.<sup>5</sup>

Carlos Marighella (*apud* O ÚLTIMO..., 1963: 5), em discurso que homenageou Rui Facó, assinala a importância da condição de sua vivência para o seu engajamento no movimento comunista: “Ante o contraste gritante da terra em que nasceu no Ceará, entre camponeses sem terra e os latifundiários sem piedade, Facó manteve-se fiel à sua origem pobre e escolheu o caminho da luta pela liquidação do latifúndio e a emancipação de seu povo”.

Observa-se, nos relatos acerca da vida e obra do pensador, uma conexão direta da sua origem nordestina com seus escritos. Isso está muito visível no trecho transcrito no parágrafo anterior. De fato, pode-se apontar que os temas tratados nos escritos do intelectual cearense mostram uma empática e profunda vivência dos problemas de sua terra e de seu povo. No entanto, conhecer sua origem e trajetória não é suficiente para compreender seus escritos. Há de buscá-la, também, no processo de sua assimilação da cultura nacional e universal, síntese da própria formação histórica brasileira na construção de seus intelectuais.<sup>6</sup>

Em 1927, o jovem Rui Facó passou a morar em Fortaleza. Sua transferência fora motivada pela vontade dos pais, que desejavam que ele continuasse os estudos regulares. Assim, Facó ingressou no Liceu do Ceará, uma das escolas mais tradicionais do estado. O lastro cultural e humanístico desenvolvido a partir da vida familiar foi enriquecido com as novas experiências na nova cidade. Ao concluir o curso secundário, em 1934, entrou na Faculdade de Direito do Ceará “mais para satisfazer sua família, que desejava vê-lo formado do que mesmo por inclinação” (RUI Facó, 1963: 5).

Nessa mesma época, Rui Facó iniciava sua atividade profissional no jornalismo, na redação do jornal *Unitário*, trabalhando ao lado de Luiz Brígido, Rodolfo Ribas e Marcos Botelho e passara a fazer parte do ambiente intelectual de Fortaleza, seja na roda de acadêmicos bem como dos jornalistas, literatos, poetas e políticos. Compreende-se que na

---

<sup>5</sup> Identificam-se alguns “ilustres” abolicionistas, republicanos, liberais, escritores, educadoras, poetas e militares destacados. Dos familiares ilustres aqueles que se tornaram conhecidos nacionalmente foram o poeta Américo Facó e a escritora Rachel de Queiroz.

<sup>6</sup> O escritor comunista foi um homem do Brasil do século XX, vivendo numa época de guerras imperialistas e de revoluções proletárias. O seu nascimento ocorreu pouco antes do início da Primeira Guerra Mundial. Quando Facó tinha quatro anos de idade estourava a Revolução Russa de 1917, determinando alterações tremendas nos rumos do século passado. Na mesma época, entre 1917 e 1920, importantes greves de trabalhadores agitaram as principais cidades do Brasil. Poucos anos depois, em 1922, é fundado o Partido Comunista do Brasil (PCB), criado por iniciativa de operários e intelectuais, antes reunidos em diversos grupos comunistas espalhados pelo Brasil. Já as revoltas tenentistas foram desenvolvidas ao longo do período de sua adolescência.



condição de estudante e jornalista, diante do crescimento do fascismo no mundo e do ascenso das lutas, a atividade dele esteve voltada para o enfrentamento do integralismo e a agitação da plataforma anti-imperialista, nacionalista e democrática da Aliança Nacional Libertadora (ANL). Essas lutas envolveram boa parte da juventude que ansiava por transformações. Alguns deles se integram ao movimento comunista exatamente nesse momento, posto que desenvolveram uma consciência política no calor das lutas. Este foi o caso de Facó.

Com o acirramento das lutas e o fracasso do levante insurrecional de 1935, as perseguições aos comunistas se tornaram implacáveis, especialmente, quando iniciada a ditadura do Estado Novo, a partir de 1937. Nesse contexto, Rui Facó mudou-se para a cidade de Salvador, onde continuou com as mesmas atividades exercidas em Fortaleza. O militante comunista concluiu o curso de Direito na Faculdade de Direito da Bahia, intensificou sua militância comunista e aperfeiçoou sua formação profissional de jornalista, iniciando sua atividade na revista *Seiva*.

Na trajetória de Rui Facó, compreende-se que a sua vinculação mais direta ao periodismo de características militantes se deu quando passou a morar no Rio de Janeiro, em 1945, participando do trabalho de redação do jornal *A Classe Operária*, o principal porta-voz da imprensa comunista brasileira na época. Já entre os anos 1952 e 1958, viveu outra experiência: a de morar na União Soviética. Foi durante essa estadia na Rússia que o pensador cearense aprofundou seus estudos teóricos, pesquisas sobre a história e a realidade brasileira, quando “continuou em sua atividade literária e jornalística na Rádio de Moscou, e copilando dados sobre fatos históricos do Brasil, para as obras que elaborou e ia publicar” (VINHAS, 1963: 138).

De volta ao Brasil, observa-se o intelectual comunista colaborando com vários aparatos de imprensa vinculados ao projeto editorial do PCB, quando se tornou um dos redatores do periódico comunista *Novos Rumos* e membro do Conselho de redação da revista teórica *Estudos Sociais*. Ainda, assumiu a direção da revista *Problemas da Paz e do Socialismo – Revista Teórica e de Informação Internacional*. Esteve dedicado a estas atividades, de forma ativa, até o dia 15 de março de 1963, quando faleceu em um desastre aéreo na Cordilheira dos Andes. Na oportunidade, ele realizava mais uma de suas viagens como jornalista revolucionário.

Ao longo de seus quase cinquenta anos de vida, Facó desenvolveu as atividades de escritor, ensaísta, jornalista, crítico e tradutor. Todo o conjunto de seus escritos mais



significativos estiveram intimamente ligados à sua atividade como militante do Partido Comunista do Brasil (PCB), especificamente a de jornalista revolucionário, quando trabalhou na redação ou colaborou em todos os principais jornais comunistas: *A Classe Operária*, *Tribuna Popular*, *Imprensa Popular*, *Voz Operária* e *Novos Rumos*. Entretanto, foram os livros *Brasil Século XX* (1960) e, particularmente, o clássico *Cangaceiros e fanáticos* (1963) que deram notoriedade ao escritor.

### **Rui Facó e os comunistas em novos rumos**

O final dos anos 1950 representou um importante momento de redefinições para os comunistas. Estas foram forjadas num quadro de mudanças no movimento comunista como um todo e na sociedade brasileira em particular. O partido que militava, entre 1954 e 1958, passou por “mutações” teóricas, políticas e organizativas. Os acontecimentos políticos da conjuntura, a estabilidade político-econômica no período do Governo Juscelino Kubitschek, o impacto e os desdobramentos ocasionados pelo XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética (PCUS) e os problemas internos do PCB podem ser apontados como fatores que provocaram as mudanças (SEGATTO, 1995: 33). Várias condicionantes, desse modo, impõem a necessidade de rever as resoluções da tática política até então adotada. Esta estava expressa no chamado Manifesto de Agosto de 1950 e nas resoluções do IV Congresso do PCB realizado em fins de 1954<sup>7</sup>.

A reformulação da orientação política dos comunistas brasileiros fora consolidada e difundida através de um documento político, conhecida como *Declaração de Março de 1958*<sup>8</sup>. Nesse documento, os comunistas buscam fazer uma autocrítica de sua política,

---

<sup>7</sup> O Manifesto fora elaborada após a cassação do registro do PCB (1947) e dos mandatos de todos os parlamentares que haviam sido eleitos pelo partido. Avaliou-se que a política dos comunistas, entre 1945 e 1947, havia cultivado uma “ilusão democrática”, por ter confiado demasiadamente na democracia burguesa. Assim, a política presente no Manifesto convocava à formação de uma Frente Democrática de Libertação Nacional (FDLN) sob a direção do proletariado e defendia a derrubada do governo através de uma insurreição armada desencadeada por um “exército democrático de libertação”, sendo substituído por um “governo revolucionário” que libertasse o Brasil do jugo imperialista. Considerava-se que o Brasil era um país no caminho da “escravidão colonial”, da perda total da soberania nacional. Já o Congresso do PCB, realizado após o suicídio de Getúlio Vargas e de algumas pequenas mudanças na política provocadas pela participação do próprio partido nas lutas de massas dos trabalhadores urbanos e rurais e nas lutas nacionalistas em favor do monopólio estatal do petróleo, mantém essencialmente a mesma política (SEGATTO, 1995: 37). Apesar de mudanças de orientações, identifica-se que o Brasil permanece totalmente subordinado ao imperialismo norte-americano, e sua economia, portanto, estagnada. As classes dominantes continuavam servis ao imperialismo.

<sup>8</sup> Na Declaração, a democracia torna-se muito relevante na luta pelo socialismo e no processo de desenvolvimento do capitalismo no Brasil, que antes era considerado estagnado e passou a ser tido como em pleno desenvolvimento. Segundo o documento, o desenvolvimento do capitalismo havia possibilitado o crescimento do operariado fabril e de uma burguesia nacional progressista. Assim, esta última poderia ser aliada



apontado como o primeiro acerto de contas com o stalinismo e suas deformações decorrentes da adesão às teses, métodos e práticas stalinistas (NOGUEIRA, 1980: 9). Segundo Segatto (1995: 74), além de ser justificada pelo sentido e caráter de renovação, a autocrítica foi “também um elemento de pedagogia política para promover uma espécie de reciclagem da militância formada nas concepções dogmáticas e na 'linha' anterior”.

Com a nova política, os comunistas previam a superação dos “erros de caráter dogmático e sectário”. Como esta crítica estava diretamente ligada ao passado de submissão ao pensamento oficial soviético e de desconhecimento da realidade nacional, os comunistas brasileiros acenavam para a importância da renovação do pensamento e da cultura.<sup>9</sup> Desse modo, no mesmo documento, o trabalho cultural dos intelectuais ganhou terreno, acenando “[...] Importante papel desempenha a intelectualidade, que em sua esmagadora maioria está interessada no progresso e na emancipação nacional”. O Partido, com os intelectuais, deveria aproximar-se da realidade brasileira, forjando uma visão própria, ainda que baseada em uma teoria de validade universal: o marxismo-leninismo.<sup>10</sup>

Em um dos seus exercícios de crítica, Facó (1958b, p. 104) advertia:

É conhecida a falta de uma tradição marxista em nosso país. A intelectualidade brasileira do passado, mesmo os seus mais talentosos e brilhantes, deram sempre grande atenção às correntes do pensamento que surgiam na Europa. Acompanhavam passo a passo as diversas “escolas” sociológicas, filosóficas, econômicas da Inglaterra, França e Alemanha. Mas, sistematicamente, ignoraram Marx. [...] E essa falta de tradição marxista é tão grande – tão grande o nosso atraso nas bases da ciência marxista – que, passados 90 anos de seu aparecimento, não temos uma tradução brasileira do *O capital*.

Não é de admirar, por isso, que as nossas “interpretações marxistas” da história e dos acontecimentos tenham tantas debilidades, capenguem tanto e muitas vezes estejam tão longe do marxismo como o céu da terra.

---

dos comunistas na luta pelo desenvolvimento nacional autônomo e para superar os entraves que o impediam: a ação do imperialismo e o monopólio da propriedade da terra. Nesse sentido, a revolução não seria, de imediato, socialista, mas de emancipação nacional.

<sup>9</sup> Embora se reconheça que a grave crise provocada pelo relatório de Krushev provocou “uma renovação criativa que teve como resultado uma inserção muito maior, não só do PCB, na luta política em curso, como também a difusão do próprio marxismo e uma melhor compreensão da realidade do país” (DEL ROIO, 2007: 91), isso não quer dizer que a política anteriormente tenha sido um mero reflexo de imposições da Internacional Comunista. Caso o fosse, não se explicaria a integração do partido aos debates nacionais e o papel desempenhado nas lutas democráticas e nacionalistas, como também na organização dos trabalhadores na luta por seus direitos e na formação de uma consciência de classe.

<sup>10</sup> O Partido, com essas mudanças, estava em sintonia com o debate nacional, tendo em vista que a questão do desenvolvimento e as causas do subdesenvolvimento nacional provocavam inquietações na maioria dos intelectuais brasileiros, sendo elaboradas diferentes interpretações e soluções acerca dos problemas brasileiros. O desafio e a responsabilidade da intelectualidade comunista eram conhecer a realidade brasileira, através de uma análise mais aprofundada, aliando os princípios universais marxistas às particularidades concretas do desenvolvimento histórico nacional para a elaboração de uma teoria da revolução brasileira (DEL ROIO, 2012).



## Pensador do Brasil no movimento da história

Nesse quadro de mudanças, compreendemos que Rui Facó esteve engajado em um momento de renovação do pensamento e da linha política dos comunistas. Podemos dizer que, baseado na produção escrita desse período, foi o momento mais fértil de sua produção intelectual. Segundo Vinhas (1963: 138), um dos camaradas de luta política e cultural, “ao regressar em 1958, [Rui Facó] sentiu com maior intensidade ainda a necessidade de escrever, de expor, de falar ao povo, do povo, e pelo povo[...]”.

Dessa forma, o jornalista e escritor empenhou-se em estudar e escrever sobre o Brasil, discorrendo sobre temas variados, como a literatura, a cultura, a economia, a história e a política. Foram dois livros, diversos ensaios, artigos, críticas de livros, reportagens especiais acerca das lutas sociais e dos problemas brasileiros. Nestes escritos, o fio condutor será a preocupação em compreender as particularidades históricas brasileiras, em particular, acerca da questão agrária, das lutas sociais e do desenvolvimento do país (PINHEIRO, 2014: 119).

Quando escreveu sua principal obra, *Cangaceiros e fanáticos*,<sup>11</sup> Rui Facó estava no seu momento de maturidade intelectual. Um momento caracterizado por intensas lutas sociais no mundo rural brasileiro. Como apontado pelo autor, era “o despertar dos pobres do campo” (FACÓ, 2009: 23), marcando sua tomada de consciência enquanto sujeitos de ação. Instigados por esses movimentos, intelectuais militantes do PCB, particularmente, procuraram explicar noutros moldes a gênese daqueles conflitos (MEDEIROS, 2009: 11). Desse modo, é possível perceber que a argamassa de sua escrita em *Cangaceiros e fanáticos*, assim como em outros escritos, é buscada em seu contato com o chão da história das lutas sociais. O autor expõe sua compreensão acerca do tempo pretérito, situando a atividade histórica dos pobres do campo, para ele, *precursores do surgimento de um espírito inconformado*.<sup>12</sup>

---

<sup>11</sup> A sua primeira edição foi em 1963, pela Editora Civilização Brasileira (número 15 da coleção Retratos do Brasil). *Cangaceiros e fanáticos* foi uma obra publicada postumamente. Quando o autor faleceu em março de 1963, o livro estava prestes a ser lançado. Isso ocorreu em 28 de junho de 1963, na Livraria São José, Rio de Janeiro, ao lado de outros “livros nacionalistas”, entre eles a obra Introdução à revolução brasileira, do historiador Nelson Werneck Sodré. Na ocasião, realizava-se ao mesmo tempo uma homenagem à memória de Rui Facó. As palavras iniciais estavam a cargo de Astrojildo Pereira, e o autógrafo, ao mais alto dirigente do PCB, Luiz Carlos Prestes, substituindo o do autor falecido. Decorridos mais de 50 anos desde sua primeira publicação, a significativa estampa de seguidas edições (até o momento foram 10) da referida obra é um indício do continuado interesse acerca dos estudos da lavra de Facó e sua visão acerca de acontecimentos significativos de nossa história.

<sup>12</sup> como se pode perceber na passagem seguinte: “[...] É também o reconhecimento de que aqueles homens que empunhavam armas e se tornavam cangaceiros, ou que se reuniam em torno de um monge ou conselheiro e eram chamados de fanáticos, não passavam de vítimas de uma monstruosa organização social [...] Mais do que isso, foram aqueles miseráveis sertanejos os precursores do surgimento de um espírito inconformado que haveria de criar mais tarde uma situação revolucionária para a destruição completa daquele



Na época, predominavam as chamadas teses euclidianas, as quais apontavam como gênese dos movimentos messiânicos e do cangaço a determinação do meio sobre o homem, as condições biológicas e a miscigenação racial, além de abordá-la como expressão do atraso do mundo rural. O escritor comunista será um dos primeiros intelectuais a romper com as estruturas de interpretação baseadas nas obras de Euclides da Cunha, buscando compreender a gênese desses movimentos como uma expressão da questão social no Brasil, em que o monopólio da terra era a chave interpretativa essencial.

Antes da publicação de sua principal obra, o escritor havia lançado em vida o livro *Brasil século XX*.<sup>13</sup> Tratou-se de um livro que objetivava interpretar o Brasil daquele século, apresentando uma visão panorâmica sobre a história política brasileira.<sup>14</sup> É possível perceber que é uma obra circunscrita ao caudal daquelas que buscavam enriquecer o conhecimento sobre o Brasil e superar as debilidades no campo das interpretações marxistas.

*Brasil século XX* contém elementos “essenciais da história de nosso país que tornam possível uma melhor compreensão do presente e uma perspectiva do futuro”<sup>15</sup>. Era uma interpretação do Brasil daquela época agitada “que vive o momento mais dinâmico de sua história”<sup>16</sup>, em que a ação do povo era fator determinante e os conflitos entendidos como resultantes de diferentes interesses de classes. Posto isso, é com uma perspectiva de história em processo que Rui Facó busca compreender o momento. Para escrever esta história, o autor questiona a leitura dominante, como assinalado no seguinte trecho:

E se fazendo história assim agem as classes dominantes, [...] Pretende-se obstinadamente basear a história do Brasil em obra do acaso. Por acaso fomos descobertos pelos navegadores portugueses. A independência política nos veio de

---

estado de coisas anti-humano” (FACÓ, 2009: 21).

<sup>13</sup> Este foi um trabalho escrito a pedido de uma editora argentina, a Editorial Platina, dentro de um plano geral de publicações acerca da história de cada um dos países latino-americanos, sendo a primeira obra da *Colección Problemas de América*. Apesar de a editora argentina ter encomendado a obra, terminou sendo lançada primeiro no Brasil, em 1960, pela Editorial Vitória. Depois foi traduzida e publicada respectivamente na Argentina (Buenos Aires: Editorial Platina, 1961); e, no ano de 1962, na Tchecoslováquia, na Itália (Roma, Editori Riuniti) e na União Soviética. Ainda, foi publicada em Cuba (La Habana, Editorial Venceremos, 1964).

<sup>14</sup> Na ocasião do lançamento, Astrojildo Pereira (1961) teceu um comentário acerca da importância do livro para a época vivida. O crítico assinalou o seguinte: “Contam-se pelos dedos os livros brasileiros dedicados ao estudo dos problemas brasileiros, cuja elaboração se tenha feito à luz do marxismo. Somos de uma pobreza mais do que franciscana neste particular. Daí que a publicação de um livro desse tipo tome desde logo as proporções de um verdadeiro acontecimento, [...] O livro de Rui Facó destaca-se, na abundante safra bibliográfica das últimas semanas, precisamente por constituir uma obra de escritor marxista, um escritor que amadureceu seu espírito realizando assíduas pesquisas nos domínios da história política, econômica e social do Brasil. É seu primeiro livro, mas livro maduro, de rico e substancioso conteúdo e de escrita sóbria, acessível a qualquer leitor. Digamos ainda que *Brasil século XX* é uma obra baseada em copiosa documentação, não a documentação pura e simples, a documentação em grosso, mas aquela que resulta de uma adequada seleção crítica.”

<sup>15</sup> Trecho do texto da orelha do livro.

<sup>16</sup> *Ibid.*

um simples arrôbo e um gesto, seguido de um brado – *Independência ou Morte!* – do Príncipe português regente. A República, simples fruto de uma quartelada. [...] Por que êsse ocultamento sistemático dos fatores decisivos dos acontecimentos históricos, êsse empenho de negar a ação dos homens, os fatos sociais, quando não os econômicos, no processo evolutivo do Brasil? (FACÓ, 1960a: 33).

Encontraremos nos escritos uma perspectiva das classes dominadas que desenvolve uma narrativa explicativa dos “fatores decisivos dos acontecimentos históricos”, em que se procura identificar a ação dos homens na história do ponto de vista das lutas de classes. A partir dessa compreensão, podemos dizer que Facó foi um continuador e difusor de uma perspectiva de história. Esta compreendida como síntese dos processos sociais, na medida em que uma preocupação do autor era entender o sentido da história no qual se percebe no conjunto dos fatos e acontecimentos essenciais que a constituem num período de tempo. O pensador busca identificar aqueles acontecimentos fundamentais para a compreensão dos anos agitados. Assim, a chamada “Revolução de 1930” é considerada uma “reviravolta na história”.

Um intenso debate intelectual, cultural e político era travado. Podemos percebê-lo em revistas criadas para estimular a intelectualidade interessada em fazer o bom combate e contribuir para o aprofundamento acerca dos problemas brasileiros, tonando-se uma fonte indispensável para quem deseja perscrutar o debate intelectual dessa época.

Uma delas foi a revista *Brasiliense*.<sup>17</sup> Rui Facó deu sua contribuição ao debate com escritos que historicam as lutas dos pobres do campo, tendo por esforço a tentativa de explicar as bases que provocaram os conflitos. Predominava certa ótica que considera a luta dos trabalhadores como “banditismo”. Nas palavras do pensador, as classes dominantes:

Precisavam ocultar as verdadeiras causas das lutas que surgiam no campo, esconder seus reais objetivos. Procuraram sempre, através de tóda a história do Brasil, desvirtuar essas lutas no nascedouro, apresentando-as como simples atos de banditismo (FACÓ, 1958a: 128).

O escrito de qual retiramos o trecho acima é a base para a elaboração da segunda parte, *Canudos e o Conselheiro*, de seu *Cangaceiros e fanáticos*. Na *Brasiliense*, além de publicar o *A guerra camponesa de Canudos (1896-1897)* (FACÓ, 1958a), colaborou com o ensaio *Juazeiro e o Padre Cícero* (FACÓ, 1961), também utilizado na elaboração na sua obra principal, “[...] à medida que o trabalho, então em fase de elaboração, foi sendo ampliado na base de novas pesquisas” (FACÓ, 2009: 21).

---

<sup>17</sup> Esta surgiu de uma iniciativa independente do PCB, agregando contribuições teóricas de diversos matizes, do campo da esquerda e do nacionalismo. Publicada entre 1955 e 1964, foi organizada pelos intelectuais comunistas Caio Prado Jr. e Elias Chaves Neto.



Outra importante revista foi a *Estudos Sociais* (ES).<sup>18</sup> Nesta, Facó não só colaborou como foi membro do Conselho de Redação ao lado de Armênio Guedes, Leandro Konder, Jacob Gorender, Jorge Miglioli e Mário Alves.<sup>19</sup> A direção da ES estava sob a responsabilidade do experiente Astrojildo Pereira, um dos fundadores do PCB. O secretário era o baiano Armênio Guedes.

A revista ES surgia como instrumento dos comunistas para estimular o debate intelectual no partido e dialogar com as outras correntes de pensamento, na tentativa de contribuir e influenciar na forma de analisar a realidade nacional, configurando-se como um movimento de abertura teórica e “apresentando um perfil mais teórico e plural” (ARIAS, 2003: 143).

A polêmica será uma tônica nos escritos de Rui Facó. No artigo “*História sincera da República*”, ou a negação do povo na História (FACÓ, 1958b: ), por exemplo, tece uma análise crítica do livro *História sincera da República*<sup>20</sup> de Leôncio Basbaum, ex-militante do PCB. O principal argumento da crítica está relacionada à pouca atenção que Basbaum deu ao papel do povo na fundação da República. Visto que para Facó a formação da República teve uma aspiração popular, considera que o autor partia de um ponto de vista errôneo, destacando:

[...], não posso compreender como se escreva a História da República do ponto de vista marxista – mesmo como tentativa – sem estudar os diversos movimentos republicanos que se registraram no Brasil, seus objetivos, seus programas, suas causas e consequências na evolução do movimento geral que terminou pelo 15 de novembro de 1889. [...]

Da mesma forma, o polemista Facó critica a concepção presente na obra de Octávio Brandão, *O niilista Machado de Assis*<sup>21</sup>, acerca da obra machadiana. Rui Facó considerou que Brandão cometeu o erro do anacronismo, assinalava o seguinte: “O erro principal de O.B. [Octávio Brandão] está em querer transportar o pensamento de Machado de Assis para o nosso tempo, dar-lhe a nossa compreensão do mundo e da sociedade, em vez de estudá-lo tal qual foi, e não como 'deveria' ter sido. [...]” (FACÓ, 1958c).

Na *Estudos Sociais*, o intelectual comunista apresenta uma das suas contribuições como ávido leitor, a de crítico das obras contemporâneas sob o ponto de vista das

---

<sup>18</sup> Trata-se de uma publicação que circulou de 1958 a 1964. *Estudos Sociais*, diferentemente da *Brasiliense*, foi fundada por iniciativa do PCB, identificando-se como órgão elaborador e divulgador da linha teórica do partido.

<sup>19</sup> A partir de março de 1963, após a morte de Rui Facó, passaram a compor o conselho Fausto Cupertino e Nelson Werneck Sodré.

<sup>20</sup> A obra tem o subtítulo: tentativa de interpretação marxista da História (Rio de Janeiro: Livraria São José, 1957).

<sup>21</sup> Rio de Janeiro: Organizações Simões Editora, 1958.



preocupações acerca do problema agrário, das lutas sociais e do desenvolvimento, ao publicar na seção “Crítica de Livros”: crítica do livro *Revolução e contrarrevolução*, de Franklin Oliveira (FACÓ, 1962a); crítica do livro *Crise econômica no Rio Grande do Sul*, de Paulo Shilling (FACÓ, 1962b).

Ainda na revista, encontramos: *O romance do Sr. Guimarães Rosa e o problema da terra no Brasil*; *A evolução do pensamento de Euclides da Cunha*; *Notas sobre o problema agrário*<sup>22</sup>. Estes são ensaios importantes da produção do autor de *Cangaceiros e fanáticos*, no seu processo de estudar a cultura brasileira e as vias da superação de seu subdesenvolvimento, contribuindo para o conhecimento do pensamento nacional e o esforço de elaboração para o problema da terra.

## A pena de jornalista revolucionário

A renovação na política pecebista provocou a mudança na imprensa partidária como um todo. Se a intelectualidade da *Estudos Sociais* esforçou-se para superar as leituras dogmáticas, sectárias e subjetivistas, ao voltar seus olhos para a realidade nacional, percebe-se este mesmo movimento no jornal do PCB, *Novos Rumos*.<sup>23</sup> Nesse sentido, a designação do periódico é significativa. No periódico, encontramos Rui Facó no grupo de redação, ao lado de Almir Matos, Josué Almeida, Paulo Mota Lima, Maria da Graça e Luís Ghilardini.<sup>24</sup>

O jornal foi um instrumento de intervenção a serviço das lutas desde o chamado movimento nacionalista e democrático que se formava na época, cujo auge foi a luta pelas “reformas de base” na primeira metade da década de 1960. Contudo, *Novos Rumos* deixava claro que se integrava a esse movimento para defender os interesses da classe operária, colocando-se como difusora das lutas dos trabalhadores do campo e da cidade, sendo a apreciação dos fatos realizada a partir de uma perspectiva marxista-leninista, portanto, pretendendo manter sua independência no “terreno ideológico-político”.

<sup>22</sup> *Estudos Sociais* (respectivamente): n. 2, p. 185-189, jul./ago. 1958; n. 6, p. 149-165, mai./ set. 1959; n. 11, p. 304-310, dez. 1961.

<sup>23</sup> Tratava-se do órgão do PCB, semanário publicado no Rio de Janeiro, de circulação nacional, e dirigido por Mário Alves e Orlando Bonfim. No seu primeiro número, o jornal assinalava que surgia diante da necessidade de

“[...] assegurar ao pensamento de vanguarda da classe operária um órgão de difusão mais vivo e atuante, mais capaz, portanto, de participar e influir na grandiosa luta que trava o povo brasileiro pela emancipação nacional, a democracia e o progresso social.”

<sup>24</sup> Alguns dos intelectuais da *Estudos Sociais* colaboravam com o periódico. Encontram-se em suas páginas Astrojildo Pereira, na seção Notas sobre Livros, Leandro Konder (com o pseudônimo Pedro Severino), na seção Tópicos Típicos. Nessa iniciativa da imprensa comunista, Rui Facó esteve dedicado de corpo e alma, posto que fazia de tudo no jornal, cuidava dos noticiários e do fechamento do jornal.

No *Novos Rumos*, encontram-se diversos artigos, crônicas internacionais, ensaios, crítica de livros e muitas reportagens especiais realizadas em diversas partes do país, assinadas por Rui Facó. Em relação aos ensaios, destaco dois: *A permanência de Euclides da Cunha*<sup>25</sup> e *Tiradentes – o que ensinou o caminho da liberdade*<sup>26</sup>. Trata-se de ensaios que têm em comum trazer a lume a memória de dois distintos personagens da História do Brasil. Rui Facó escreve o ensaio sobre o pensamento de Euclides da Cunha em memória aos 50 anos de assassinato do autor de *Os sertões*. O intelectual comunista traça um perfil biográfico do mesmo e destaca o papel que teve a Guerra de Canudos na efetivação do pensamento revolucionário de Euclides da Cunha. Esclarece que o interesse por esse intelectual se dá por conta de sua atenção aos problemas do povo, sendo um dos poucos que realçou a esperança no futuro do país, apesar das suas influências teóricas apontarem para o contrário. No outro ensaio, assinala momentos da trajetória do Tiradentes e a história da Inconfidência mineira, colocando como um dos exemplos que nos ensinou o “caminho da liberdade”.

Nota-se, nesses ensaios, um cuidado com os momentos e personagens que afirmam a nacionalidade brasileira e a esperança no futuro. Infere-se que Euclides da Cunha foi um dos autores fundamentais para a formação do pensamento de Rui Facó sobre o Brasil, por isso recuperar seu pensamento, destacando questões que poderiam difundir determinada leitura do pensamento de Cunha desde as problemáticas do seu tempo. Da mesma forma, recuperar a história dos inconfidentes, a partir do Tiradentes, pode significar a atenção dada ao movimento nacionalista na sua luta pelo desenvolvimento do Brasil e independência econômica.

Tem-se em *Novos Rumos* uma grande quantidade de resenhas críticas de livros da lavra do autor estudado. Inclusive, Rui Facó colaborou com a seção dedicada à crítica e divulgação de publicações, designada *Notas sobre Livros*, sob a responsabilidade de Astrojildo Pereira, substituindo-o em diversos números do jornal. O exercício de crítica de livros é algo constante. Nos seguidos números do semanário, é recorrente localizar críticas de obras conjunturais, da questão agrária, de teoria, de literatura, da História do Brasil, tais como: *Crítica do livro de J. Salgado Freire, Para onde vai o Brasil*<sup>27</sup>; análise da obra *Ideologia do colonialismo*, de Nelson Werneck Sodré<sup>28</sup>; resenha do livro *Escritos de Lenin*

---

<sup>25</sup> **Novos Rumos**, Rio de Janeiro, 14-20 ago. 1959, p. 4.

<sup>26</sup> *Ibid.*, 22-28 abr. 1960, p. 9.

<sup>27</sup> **Novos Rumos**, Rio de Janeiro, 18-24 mar. 1960, p. 5.

<sup>28</sup> *Ibid.*, 7-13 jul. 1961, p. 4.

sobre o problema agrário”<sup>29</sup>; sobre o romance de Jáder de Carvalho, *Sua majestade, o Juiz*<sup>30</sup>.

Nesses escritos, o autor está preocupado em difundir uma perspectiva de análise das obras. É possível considerar que em alguns momentos é uma espécie de guia de leitura, em outros, trata-se de uma análise elaborada para mostrar o significado da obra para a época contemporânea. Também, podemos apontar que as notas sobre livros cumpre um papel educativo voltado para a formação de uma consciência política. Já no primeiro número do *Novos Rumos*, aparece essa preocupação, ao declarar: “esperamos contribuir, [...] para a educação e o esclarecimento dos trabalhadores brasileiros, para a formação de sua consciência política.”<sup>31</sup>. Percebemos nos escritos publicados no periódico o pendor ao argumento teórico e às elaborações sobre a formação social do Brasil (PINHEIRO, 2014: 123).

Os escritos jornalísticos de Rui Facó tomaram outra dimensão com a renovação pecebista. Se antes era predominante composto de matérias de cunho doutrinário e internacional, percebe-se que tomam uma predominância nacional. Pode-se inferir que a mudança de linha política dos comunistas estimulou Facó a investigar a realidade nacional, não bastando apenas estudos superficiais, como havia sido produzido até o momento.

Suas reportagens o estimulava a conhecer o Brasil. Dalcídio Jurandir (1963), um dos seus companheiros relata:

Dia a dia, mergulhava mais fundo no Brasil, faminto do Sul, do Nordeste, em plena massa camponesa, em plena posse de Arrais, numa ação da qual chegava mais feliz, mais brasileiro, mais criatura do mundo. Não apenas curioso do Brasil, do brasileiro, mas disposto a transformar o país e o homem.

Rui Facó escreveu diversas reportagens para o semanário, analisando a situação dos trabalhadores do campo e da cidade. Em uma série de reportagens, como as seguintes: *Capitais do Jaguaribe e Cariri ocupam posições da Anderson Clayton*<sup>32</sup>; *Culto ao Padre Cícero desapareceu com a decadência do latifúndio*<sup>33</sup>; *Nos engenhos do Cariri: 12 a 16 horas de trabalho*<sup>34</sup>; *Os velhos cantam nas feiras, os jovens querem moscou.*<sup>35</sup> Nessas reportagens o tema principal é a situação do povo trabalhador do interior cearense diante das transformações econômicas que passava o sertão no momento de declínio do poder do latifúndio. Rui Facó

---

<sup>29</sup> *Ibid.*, 15-21 set. 1961, p. 5.

<sup>30</sup> *Ibid.*, 3-9 mar. 1961, p. 5.

<sup>31</sup> NOSSOS Propósitos, *loc. cit.*

<sup>32</sup> **Novos Rumos**, Rio de Janeiro, 2-8 de set. 1960, p. 4.

<sup>33</sup> *Ibid.*, 9-15 set. 1960, p. 8.

<sup>34</sup> *Ibid.*, 16-22 set. 1960, p. 9.

<sup>35</sup> *Ibid.*, 7-13 out. 1960, p. 9.



traça um relato vivo de tudo que observa. É possível considerar as reportagens como notas de viagem, posto que se identifica uma narrativa na primeira pessoa, trechos das conversas com pessoas entrevistadas, assim como agradecimentos às pessoas (em geral trabalhadores e apoiadores do *Novos Rumos*), pelo apoio e acesso aos dados e informações para elaboração da reportagem.

### **Jornalista revolucionário e escritor de combate**

Era um fato que existiam poucas obras que se debruçaram sobre a realidade brasileira, entretanto o próprio PCB reconhecia isso e esforçava-se para superar as debilidades teóricas e práticas. A intelectualidade agitava-se nas páginas das revistas *Brasiliense* e *Estudos Sociais* e no Jornal *Novos Rumos*. O Partido organizava conferências, palestras, cursos e debates sobre os problemas brasileiros. Veem-se, por exemplo, notícias da conferência *Evolução do pensamento de Euclides da Cunha*, na Associação Brasileira de Imprensa (ABI)<sup>36</sup>, e da palestra cujo tema foi *Luta de classes no campo*, como terceira palestra do Curso de Reforma Agrária promovido pela Campanha Nacional de Reforma Agrária<sup>37</sup> e realizada no Sindicato dos Aeroviários. As duas ministradas por Rui Facó.

Os livros *Brasil século XX* e, particularmente, o clássico *Cangaceiros e fanáticos* deram notoriedade ao escritor. O primeiro foi traduzido para diversos idiomas, além do castelhano, para o russo, italiano e tcheco, projetando-lhe para o “mundo do socialismo”. O segundo o consagrou com um dos pensadores clássicos do Brasil. Já em seu lançamento, o escritor Paulo Dantas (1963) considerava que a obra “[...], como trabalho de sociologia honesta e independente, abrirá caminho nôvo na interpretação do fenômeno” e, portanto, “sem sombra de dúvida, um dos mais importantes lançamentos editoriais de 1963”. Entretanto, a qualidade que mais destacou o intelectual comunista foi a de jornalista revolucionário.

A matéria do tempo presente, amplamente tratada em sua labuta no periodismo, se articula ao pretérito das lutas camponesas não apenas como evocação ou testemunho de um legado. Desde sua primeira experiência no jornalismo de extração comunista, na revista *Seiva*, até o momento mais intenso de sua produção como jornalista, escritor, tradutor, crítico literário, quando trabalhava na redação da revista *Estudos Sociais* e do semanário *Novos Rumos*, além de dirigir a revista *Problemas da Paz e do Socialismo* – Revista Teórica e de

<sup>36</sup> RUI Facó sobre Euclides da Cunha. *Novos Rumos*, Rio de Janeiro, 21- 27 ago. 1959, p. 6.

<sup>37</sup> LUTA de Classes no campo. *Novos Rumos*, Rio de Janeiro, 9-15 ago. 1962, p. 7.



Informação Internacional, foram longos anos de experiência militante e profissional, especificamente jornalística. Nesse sentido, a sua experiência e seus escritos nas iniciativas impressas do Partido Comunista são fundamentais para compreender o desenvolvimento de seu pensamento. Os temas tratados e as análises realizadas pela pena de jornalista nos aproximam de suas preocupações intelectuais de escritor de combate.

Nesse sentido, pode-se entender que esses livros foram o produto de um longo processo de formação, amadurecimento intelectual estimulado pelos acontecimentos históricos do período, estudos, lutas sociais, militância política e por sua escrita e atividade de jornalista. Em um dos depoimentos acerca da vida de Facó, Américo Albuquerque (1963) nos aproxima dessa ideia quando aponta:

[...] estivemos juntos, eu e Facó, em Canudos, nas sêcas de 1939. Tenho, na minha frente, um exemplar de CULTURA. Ali encontro, dentro de sua alma de repórter do Brasil, duas fotografias do companheiro Rui. Uma, ao lado de Ciríaco Manuel Santana, prêto que lutou ao lado de Antônio Conselheiro e outra, com o branco Cachoeira, de 84 anos, lutador de uma “legalidade” que celebrizou Moreira César. Talvez tenha sido êsse encontro dramático com as sêcas em sua plenitude e com a cidadela da luta fanática pela sobrevivência das lutas do campesinato que transformou Facó no grande repórter dos problemas nacionais. Êle reportava então para o Estado da Bahia e eu para Cultura. Lembro-me bem. Foi em Uauá. De uma população miserável, 3000 foram os retirantes. Todo o mundo que sobrava estava na miséria. As mulheres pariam na beira das estradas. [...] Pois foi em Uauá que êle me disse:

– Êste sertão vale mais que uma coleção de Gorki. Se *Os Sertões* representavam a nossa maior contribuição literária, o que não dará no futuro isso aqui de literatura revolucionária?

É assim, desde **Inocência**, barroco-lírico, passando pela covardia intelectual de **Banguê**, até as reportagens posteriores de Facó, já sobre o sertão ondulante de Porfírio e das ligas, dos sindicatos camponeses e dos “acampamentos” gaúchos, êle foi fonte de inspiração e luta para todo o povo brasileiro. [grifos no original]

No relato, constam evidências da gênese de sua obra *Cangaceiros e fanáticos*. Percebe-se um jornalista que reportava sobre as condições de existência dos “pobres do campo”, expressão que utilizava para definir os trabalhadores rurais e camponeses pobres, inspirada em Vladimir Lenin<sup>38</sup>. Rui Facó lidava com a dura realidade daqueles que sofriam com a seca e a miséria no sertão baiano, tal como o remanescente de Canudos Ciríaco Manuel Santana, buscando denunciar e refletir acerca do “material” encontrado e as perspectivas de “literatura revolucionária” que poderiam frutificar no futuro.

Mais de 20 anos passados dessa experiência, Facó (2009: 20) escreveu:

Ao visitarmos Canudos, em 1939, quando ainda encontramos ali um sobrevivente famoso dos conselheiristas, Manuel Ciríaco, não lhe ouvimos sequer alusão a

<sup>38</sup> Lenin utilizara a expressão em alguns de seus textos, tal como em um escrito de 1903 intitulado *Aos pobres do campo* (São Paulo, Editora Acadêmica, 1988).

fanáticos para designar os habitantes de Belo Monte do Conselheiro.

Extraído do prólogo de *Cangaceiros e fanáticos* (uma literatura revolucionária, como anunciado pelo jornalista), o excerto demonstra o significado daquele episódio vivido por Facó no sertão baiano, além do espírito arguto do periodista. Nesse caso, é possível assinalar que o intelectual comunista estendeu sua observação dos fatos sociais para além das narrativas assentes sobre o messianismo. Ao lidar com a situação dos camponeses pobres, ele se debruçou sobre a bibliografia referente ao assunto e sobre temas como a seca, a migração, o cangaço e o messianismo, observou a existência de “relatos numerosos. Interpretação nenhuma” (FACÓ, 2009: 21).

Filho de seu tempo, sua escrita de denúncia e compromisso é, em alguma medida, fruto também do aprendizado nas redações de jornais e revistas e do contato com os círculos de intelectuais militantes comunistas. Em uma homenagem da *Estudos Sociais* assevera-se que seus estudos advinham da sua ligação com sua terra e seu povo: “êsse amor por nossa terra e nossa gente, essa confiança que marca sua atividade de escritor, jornalista e homem”.<sup>39</sup>

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Mário. “Nós faremos amanhecer o dia...”. **Novos Rumos**, Rio de Janeiro, 19 - 25 abr. 1963.

ARIAS, Santiane. **A revista *Estudos Sociais* e a experiência de um “marxismo criador”**. Dissertação (mestrado). Programa de Pós-graduados em Sociologia, Universidade Estadual de Campinas, 2003.

COSTA, Ricardo da Gama Rosa. **Descaminhos da Revolução Brasileira: O PCB e a construção da estratégia Nacional-libertadora (1958-1964)**. Tese (Doutorado). Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal Fluminense, 2005.

DANTAS, Paulo. Cangaceiros e Fanáticos. **Revista Brasiliense**, São Paulo, n. 50, p. 11, set./out. 1963.

DEL ROIO, Marcos. A teoria da revolução brasileira: tentativa de particularização de uma revolução burguesa em processo. In: MORAES, João Quartim de ; DEL ROIO, Marcos. **História do Marxismo no Brasil**. v.4. Visões do Brasil, Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

\_\_\_\_\_. O PCB e a estratégia da Revolução Brasileira. **Novos Temas: revista de cultura marxista**. n.7, p. 217-235, ago./dez. 2012.

FACÓ, Rui. A guerra camponesa de Canudos (1896-1897). **Revista Brasiliense**, n. 20, p.128,

---

<sup>39</sup> RUI FACÓ. **Estudos Sociais**, Rio de Janeiro, n. 16, p. 322, mar. 1963.



nov./dez. 1958a.

\_\_\_\_\_. “História sincera da República”, ou a negação do povo na História. **Estudos Sociais**, Rio de Janeiro, n. 1, p. 104-124, mai./jun. 1958b.

\_\_\_\_\_. O nihilista Otávio Brandão. **Estudos Sociais**, Rio de Janeiro, n. 2, p. 245-248, jul./ago. 1958c.

\_\_\_\_\_. **Brasil Século XX**. Rio de Janeiro: Editorial Vitória, 1960a.

\_\_\_\_\_. Nos Engenhos do Cariri: 12 a 16 horas de trabalho. **Novos Rumos**, Rio de Janeiro, 12- 16 set. 1960b, p. 9.

\_\_\_\_\_. **Revista Brasiliense**. São Paulo, n. 38, p. 108-124, nov./dez. 1961.

\_\_\_\_\_. **Estudos Sociais**, Rio de Janeiro, n. 12, p. 499-502, abr. 1962a.

\_\_\_\_\_. **Estudos Sociais**, Rio de Janeiro, n. 12, p. 499-502, abr. 1962b.

\_\_\_\_\_. **Cangaceiros e Fanáticos: gênese e lutas**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2009.

FALCÃO, João. **O Partido Comunista que eu Conheci**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988.

GRAMSCI, Antonio. **Os Intelectuais e a Organização da Cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1985.

JURANDIR, Dalcídio. Facó. **Novos Rumos**, Rio de Janeiro, 19-25 abr. 1963.

MEDEIROS, Leonilde Sérvo de. Apresentação. In: FACÓ, Rui. **Cangaceiros e Fanáticos: Gênese e Lutas**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

NOGUEIRA, Marco Aurélio. Apresentação. In: **PCB: vinte anos de política 1958-1979** (documentos). São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1980.

O ÚLTIMO adeus ao companheiro. **Novos Rumos**, Rio de Janeiro, 19-25 abr. 1963, p. 5.

PEREIRA, Astrojildo. **Novos Rumos**, Rio de Janeiro, 30 dez. 1960-5 jan. 1961, Notas Sobre Livros.

PINHEIRO, Milton. Rui Facó. In: PERICÁS, Luiz Bernardo; SECCO, Lincoln Ferreira (Orgs.). **Intérpretes do Brasil: clássicos, rebeldes e renegados**. São Paulo: Boitempo, 2014.

PRESTES, Anita L. Antonio Gramsci e ofício do historiador comprometido com as lutas populares. **Revista de História Comparada**, Rio de Janeiro, v.4, n.2, dez. 2010.

SANTOS, Luis-Sérgio. **Rui Facó (uma biografia): o homem e sua missão**. Fortaleza: Omni, 2014.

SEGATTO, José Antonio. **Reforma e Revolução: as vicissitudes políticas do PCB (1954-1964)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

RUI Facó: Dados Biográficos. **Novos Rumos**, Rio de Janeiro, 22-28 mar. 1963, p. 5.

VINHAS, Moisés. **Aspectos da Vida e da Obra de Rui Facó**. **Estudos Sociais**, Rio de Janeiro, 1963.